



DANÇA E O ENSINO FUNDAMENTAL¹

Fernanda Gabriela de Rezende Casagrande²

Nayara Priscila da Paixão³

Rogério Roberto da Silva⁴

Diego dos Santos Silva⁵

Ieda Mayumi Sabino Kawashita⁶

RESUMO

O trabalho relata intervenções utilizando o tema dança na abordagem histórico-crítica. As intervenções foram realizadas em duas turmas de escola estadual do sul de Minas Gerais. Foram encontradas diversas dificuldades durante o período e foi necessário que o grupo buscasse superá-las. Com as intervenções notamos que existe uma dificuldade em trabalhar temas diferenciados e que existe um estereótipo de dança como sendo algo difícil e para poucos. A vivência foi diversificada e enriquecedora.

PALAVRAS-CHAVE: *Histórico-Crítica; Dança; Educação Física*

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da sociedade a dança é considerada uma manifestação corporal e sempre está presente nas mais diversas manifestações culturais. Já a dança presente na educação física, como disciplina no currículo escolar, só ocorre em determinados eventos escolares e normalmente são coreografadas, reproduzidas pelos alunos e são resquícios de uma educação física tradicional.

Observa-se que, quando o professor tenta proporcionar alguma atividade diversificada no contexto escolar existe uma resistência. Segundo Chicati (2000), essa resistência é ainda maior na disciplina de Educação Física, pois durante toda uma sua história, ela passou por diversas mudanças em suas características, afetando diretamente o contexto escolar, sendo por muito tempo para preparação de corpos fortes, belos e saudáveis para o trabalho ou a preparação esportiva. Nesta realidade, um trabalho a ser realizado na escola, necessita grande motivação do que nas demais disciplinas, para assim desenvolver a educação do ser humano como um todo.

Constata-se que são diversas as dificuldades com a cultura das aulas de educação física, ao se trabalhar o tema dança, surgem diversos preconceitos, generificando a dança como algo específico para alguns. Segundo Buttler (2003),

1 O presente trabalho contou com apoio financeiro da CAPES.

2 IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, fer.gab.rez.cas@gmail.com

3 IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, nayarapaixaoef@gmail.com

4 IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, rogerioroberto99@hotmail.com

5 IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, diego.dos.santos.silva@hotmail.com

6 IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, iedamsk@gmail.com

o conceito de gênero serve à legitimação de uma ordem, sendo um instrumento que expressa uma cultura que foi construída historicamente, é a forma com que as pessoas constroem as suas percepções sobre as diferenças, criando assim a heterossexualidade compulsória e acaba trazendo uma performatização, portanto, considera-se que gênero é a repetição de atos, gestos e signos, reforçando a idéia de corpos femininos e masculinos.

Para facilitar a inserção de temas diferenciados na realidade escolar, acredita-se que a utilização da Pedagogia Histórico-Crítica é uma alternativa, que pode ajudar o professor. Segundo Gasparin e Petenucci (1984), esta teoria é pouco desenvolvida no dia-a-dia das escolas brasileiras, mas a mesma é de grande viabilidade de ser inserida no contexto escolar, pois ela oportuniza uma prática comprometida com o processo de ensino aprendizagem, com a promoção de capacidades psíquicas, promovendo a promoção humana dos educandos, para que esses rompam uma possível alienação, colocando-os conscientes no âmbito escolar.

O PIBID – IFSULDEMINAS – Muzambinho, subgrupo educação física, tem como temas transversais a serem trabalhados, perpassando os conteúdos as temáticas gênero e sexualidade, este grupo atua em diferentes instituições de ensino, dentre elas, o ensino fundamental II que é o foco da nossa intervenção.

Neste contexto, as intervenções tiveram como objetivo contextualizar a dança no aspecto histórico e social dos alunos e também abordar os temas gênero e sexualidade no cenário da dança, conforme o momento histórico e social abordado na aula.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo, que segundo Alves-Mazzotti (1999), é uma pesquisa compreensiva ou interpretativa, que parte que os indivíduos agem de acordo com suas crenças, percepções e valores.

1ª AULA	Observação das turmas- Observamos o contexto escolar e as características das turmas.
2ª AULA	Prática Social Inicial- Apresentação do vídeo para estimular os alunos a confeccionarem uma carta para diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos.
3ª AULA	Problematização- Atividades de práticas introspectivas e a dinâmica do “espelho” para estimular a expressão corporal e a desinibição.
4ª AULA	Problematização- Atividade da estátua com diferentes ritmos musicais e a mímica com interpretação de personagens nos quais pudéssemos contextualizar as questões de gênero.
5ª AULA	Instrumentalização- Aula demonstração de vídeos antigos de funk nos quais discutimos as diferenças do funk atual.
6ª AULA	Instrumentalização- Aula sobre Dança Circulares tematizando as possibilidades da Dança.
7ª AULA	Instrumentalização- Aula com atividades rítmicas com a música tradicional “escravos de Jó.”
8ª AULA	Catarse- Aula apresentando a história e o ritmo Hip Hop para o 9º ano e atividades lúdicas e confecção de uma pequena coreografia.
9ª AULA	Catarse- Confecção de um rap com o 9º ano e confecção de uma coreografia com o 7º.
10ª AULA	Prática Social Final- Apresentação de vídeos que geraram a discussão do tema gênero com o 9º ano e apresentação da coreografia feita pelo 7º ano e discussão dos vídeos sobre gênero.

Após uma observação detalhada, trabalhamos em nossas aulas o conteúdo Dança no ensino fundamental II durante um semestre letivo, com duas turmas, uma do 7º ano e outra do 9º ano, ambas com em média 30 alunos por sala, estudantes da rede pública estadual. Utilizamos como referencial a Pedagogia Histórico-Crítica, nos baseando na didática proposta por João Gasparin (2002). Os dados foram coletados por meio de vídeos, fotos, diário de campo e gravações, ao final de todas as intervenções realizamos uma roda de conversa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante todo o semestre letivo realizamos com as turmas diversas atividades trabalhando a expressão corporal, a inibição, o contato entre os alunos, a criação e temas transversais como o gênero e sexualidade.

Na prática social inicial, eles expressaram que sentiam vergonha de dançar nas aulas, mas dançavam em casa ou em ambientes não formais como em festas. Além disso, de modo geral, os alunos compreendiam que a dança faz parte da cultura que estão inseridos, porém encontramos algumas opiniões preconceituosas como: o homem não pode rebolar, a mulher dança para seduzir e que existem determinadas danças que apenas o homem ou a mulher podem dançar. Com essas falas, podemos observar que existe para os alunos uma compreensão de dança como algo generificado, dando as práticas uma performatização, de atos, gestos e signos, que são específicos para homens e mulheres (BUTTLER, 2003).

Durante a problematização, trabalhamos com a expressão corporal e ao serem colocados para interpretar diversas atividades do cotidiano surgiram falas que expressavam diversas idéias de gênero, como dizer que brincar de boneca é atividade de menina, assim como ser cabeleireiro é serviço de homossexual, entre outras, então discutimos com eles estas falas e conversamos sobre diversas atividades que podem ser realizadas tanto por homens quanto por mulheres.

Ainda durante as atividades de problematização tivemos uma grande resistência na participação de uma das turmas (sétimo ano), pois os alunos acreditavam que com as intervenções do nosso grupo do PIBID estávamos “roubando suas aulas de educação física”, pois têm como cultura que as aulas se tratavam de um momento de lazer, no qual realizavam somente as práticas que queriam, podemos notar neste momento, assim como nos disse Chicati (2000), existe uma grande resistência dos com práticas diferenciadas na aulas principalmente na educação física por toda uma cultura de educação física como preparação de corpos e esportiva.

Quando discutido quanto a dança os alunos expressaram como algo difícil de ser realizado, por ter uma influência midiática de uma dança performática, então realizamos diversas atividades para demonstrar aos alunos que a dança na escola é participativa e possível, então assim como nos diz Ehrenberg e Gallardo (2005) é necessário filtrar e discutir de modo que o aluno possa refletir que a dança não é simplesmente uma repetição de movimentos.

Durante a catarse o nono ano criou um rap que falava quanto o papel do homem e da mulher na sociedade (ANEXO I), enquanto o sétimo ano criou uma coreografia conjunta, as aulas foram diferentes pela diferença de receptividade das turmas, o sétimo ano não acreditava que as aulas de educação física também

poderiam ser teóricas e poucos alunos participavam ativamente de aulas com esta característica.

Na discussão final das intervenções, um aluno nos disse que antes sentia muita vergonha, e hoje não sente mais tanto, devido a ter vivenciado esta nova experiência, também disseram que mudaram suas opiniões enquanto a roupa que a mulher usa, assim como o homem dançar e rebolar, refletiram sobre as atividades domésticas que podem ser realizadas por todos, no final percebemos que compreenderam o objetivo das intervenções que era tratar a Dança de forma crítica contextualizando as questões sociais e culturais, desmistificando o conceito de dança, levando a reflexão da dança que deve ser realizada na escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as aulas foi possível notar que, a pedagogia histórico-crítica foi facilitador, pois para realizar as intervenções partimos do que os alunos sabiam e o que estava presente na cultura dos mesmos, com isso, tivemos uma participação ativa nas aulas e nas discussões. Mesmo os alunos do sétimo ano que tinham grandes preconceitos em realizar algumas atividades propostas pelo grupo, eles participavam ativamente das discussões.

Foi possível notar que ao trabalhar a dança, surgiu também as relações de gênero e sexualidade, tanto nas intervenções, como também em atividades do cotidiano, surgindo falas quanto ao o papel do homem e da mulher na sociedade.

Diante disso as atividades realizadas foram enriquecedoras tanto para os alunos quanto para os estagiários do PIBID, pois possibilitou para ambos atividades diferenciadas e discussões enriquecedoras.

DANZA Y EDUCACIÓN BÁSICA

RESUMEN: En el documento se informa de las intervenciones utilizando el tema de la danza, en el enfoque histórico-crítico. Las intervenciones se llevaron en dos clases de una escuela pública en el sur de Minas Gerais. Se encontraron muchas dificultades durante el período y fue necesario que el grupo superarlos. Con las intervenciones observamos que hay una dificultad de trabajar diferentes temas y hay un estereotipo de bailes como difíciles y para unos pocos. La experiencia ha sido diversa y enriquecedora.

PALABRAS CLAVE: Historia y crítico; Danza, educación física

DANCE AND FUNDAMENTAL EDUCATION

SUMMARY: The paper reports interventions using the theme dance in a historical-critical approach. The interventions were carried out in two classes in a public school of the south of Minas Gerais. Several difficulties had been encountered during the period and the group need to overcome them. With the interventions we noticed that there is a difficulty in working on different themes, for the reason that to exist a stereotype of dance as something difficult and for the few. The experience was diverse and enriching.

KEYWORDS: Historical-Critical; Dance, Physical Education.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **O método nas ciências naturais e sociais.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da**

Educação Física/UEM, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.

GASPARIN, J. L.; PETENUCCI, M. C. **Pedagogia histórico crítica: da teoria à prática no contexto escolar**, 1984.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

EHRENBERG, M. C. GALLARDO, J. S. P. **Dança: conhecimento a ser tratado nas aulas de Educação Física Escolar**. Rio Claro: Motriz, 2005.

ANEXOS

ANEXO I

Tem gente que tem preconceito contra mulher
Achando que ela é menos que o homem
Tem homem que é machista
Acha que mulher tem que ser do lar
E o homem trabalhar
O homem também pode chorar
O homem também pode cozinhar e dançar
O homem também pode ficar em casa
E a mulher também pode pegar na enxada
Esse papo se mulher ter que pilotar fogão
É muito sem noção
Só o homem sair pra trabalhar
Não é uma maneira certa de pensar
A mulher também pode ajudar a família sustentar
Esse papo de mulher no volante
Ser perigo constante
Que ideia ignorante!
Meu irmão se liga na real
Até no trânsito homem e mulher é igual!
Desse jeito vamos terminando
E com o preconceito acabando
Vamos todos juntos lutar
Só assim finalmente a igualdade reinará